

A magia do Cosmorama

Prometia viagens no tempo e no espaço. Incluía pinturas, lentes e luz. Passou por Portugal no século XIX, mas é agora uma tecnologia esquecida. Até 10 de setembro, revive na Cinemateca Portuguesa

TEXTO JOÃO PACHECO

Como se poderia ver as águas agitadas do Tejo, o interior da Basílica de São Pedro e as ruínas de um templo egípcio, tudo isto sem precisar de sair do conforto do mesmo espaço? No início do século XIX, mesmo para quem tivesse uma fortuna disponível, viajar implicava muito mais tempo e dificuldades do que em 2025. Mas, quando o Cosmorama chegou a Portugal em 1834, uma parte da elite portuguesa mais viajada já teria tido hipótese de pagar para espregitar em Paris este prodígio visual, que mostrava paisagens e cenas de diferentes sítios do mundo, reproduzidas em pinturas observadas através de lentes iluminadas. Esta visão do mundo podia passar por imagens de monumentos famosos, momentos críticos de uma batalha e paisagens de outros continentes, registadas por pintores. E também podiam ser pinturas de escombros de um incêndio em Nova Iorque ou da erupção do Vesúvio que aconteceu em 1832, quase dois milénios depois da grande erupção que deu cabo de Pompeia e de Herculano no verão de 79 depois de Cristo. Muitas vezes, havia também vistas da própria cidade onde a exposição era mostrada, para que fosse assim

reforçada a verosimilhança das restantes pinturas. Na capital francesa, o primeiro Cosmorama terá sido o do abade italiano Jean-Antoine-Henri-Eugène Gazzera, nas galerias de madeira do Palais Royal. Abriu ao público em 1808 e fechou portas em 1832. Dois anos depois do fecho em Paris, esta tecnologia visual chegou a Lisboa. A iniciativa partiu em simultâneo de dois exibidores ambulantes concorrentes, que tinham trabalhado antes em dupla em Espanha. A coincidência de dois Cosmoramas na capital portuguesa foi motivo para polémica. E a novidade visual recém-chegada a Lisboa foi anunciada a 4 de novembro de 1834, no jornal "O Periódico dos Pobres". Ali eram prometidas viagens no tempo e no espaço: "O curioso afeiçoado pode, num minuto, transferir-se de uma metrópole para outra, percorrer os campos, atravessar rios e mares, passar de um sítio do globo a outro, tornar nos nossos dias aos séculos mais remotos, aproximar-se das maiores distâncias, conhecer a topografia dos países e costumes dos povos, os acontecimentos mais célebres da História e os fenómenos mais raros da Natureza, instruindo-se com delícia, sem trabalho algum, e com pouca despesa, e por meio da vista. Tudo isto oferece a exposição que se dá ao público com o título grego de Cosmo-Neorama, que se pode chamar em Português — Viagem no Aposento." Este anúncio de 1834 é citado num novo livro, onde se explica que "viagem no aposento" é uma

tradução da expressão italiana "viaggio di camera". O livro "Cosmorama. O Medium Esquecido" tem edição de Victor Flores e Susana S. Martins, que compõem com Ana David o trio de curadores da exposição "O Cosmorama em Lisboa — As Viagens Virtuais no Século XIX". E, até 10 de setembro, a magia do mundo trazida pelo Cosmorama está em Lisboa, na Cinemateca Portuguesa, com entrada gratuita, e uma última visita guiada feita pelos curadores, a 6 de setembro às 16h, com marcação por e-mail (cinemateca@cinemateca.pt). O ponto de partida desta exposição foi o projeto de investigação "Curiositas: Espreitar antes da Realidade Virtual", do Instituto de História de Arte da Universidade Nova de Lisboa e do Laboratório de Media Visuais Antigos do Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias da Universidade Lusófona. "Surgidos no século XIX depois dos Panoramas e antes do Diorama, os Cosmoramas, ou 'vistas do mundo', foram os espetáculos 'orama' mais longevos e os únicos com oculares para o público espregitar", conta-se no livro que acompanha a exposição. A palavra "espetáculos" é aqui apropriada, sendo os Cosmoramas pretexto para atmosferas desenhadas para elites, mas por vezes com características circenses. Por exemplo, no outono de 1836 passou pelo Porto um Cosmorama que foi instalado de início num 1º andar da Rua da Porta de Carros e a seguir na vizinha Rua de Santo António. Pagava-se 80 reis para entrar e havia



bebidas e doces à venda. No final, um canário e um cão amestrado atuavam para os espectadores. Antes da popularização da fotografia e do cinema, no século XIX, Cosmoramas como o do pintor austríaco Hubert Sattler (1817-1904) viajaram pelo mundo e iam funcionando de forma ambulante, permanecendo em cada cidade enquanto mantinham o apelo próprio das novidades, com publicidade paga em jornais. Sattler passeou assim o Cosmorama pelo Médio Oriente, pela Europa, por Cuba e

O COSMORAMA EM LISBOA — AS VIAGENS VIRTUAIS NO SÉCULO XIX

Cinemateca Portuguesa, Lisboa, até 10 de setembro



SALZBURG MUSEUM

pelos Estados Unidos. Continuara o trabalho iniciado pelo pai, o também pintor Johann Michael Sattler. E existem 138 pinturas originais do Cosmorama Sattler na Áustria, onde fazem parte da coleção do Panorama Museum, em Salzburgo. Quando o seu Cosmorama passou por Lisboa, os visitantes puderam mergulhar em pinturas com vistas do Vaticano ou do Egito, mas também da própria capital portuguesa. Agora, na Cinemateca, quem quiser pode apreciar a recriação de um Cosmorama com existência física, espreitando a partir de um dos cadeirões instalados em frente a lentes, luzes e reproduções de pinturas pensadas para nos levar em viagens pelo mundo. Também existe aqui a possibilidade de colocar óculos de realidade virtual, mergulhando num Cosmorama virtual criado a partir de pinturas do século XIX. A



OLEKSANDRA IVASHCHENKO

Visitantes acedem a um Cosmorama virtual por intermédio de óculos modernos. A foz de Tejo perto de Lisboa é uma das paisagens que podem ser vistas na exposição (na imagem maior)

experiência pode ser intensa para estômagos mais sensíveis. Mesmo para quem dispense óculos de realidade virtual, esta exposição na Cinemateca tem outros pontos de interesse. Além de dispositivos precursores do cinema, há uma aguarela pintada em 1905 por Roque Gameiro, onde se vê um exibidor ambulante de imagens, com uma caixa ótica diorâmica a ser espreitada com surpresa no Terreiro do Paço. E também merece ser vista ao vivo uma pequena pintura criada em Portugal por volta de 1801, pelo pintor Nicolas-Louis-Albert Delerive. Faz parte de uma série de 14 representações de tipos populares e ofícios tradicionais portugueses, pintada pelo mesmo Delerive, que no final de 1807 também haveria de pintar a partida da corte portuguesa para o Brasil. No caso desta pintura presente na exposição “O Cosmorama em Lisboa – As Viagens Virtuais no Século XIX”, Delerive retratou uma cena ao ar livre, com um feirante a mostrar uma caixa ótica a um grupo de crianças e adultos. A pintura é apresentada na exposição como uma das únicas e mais antigas imagens sobre o tema em Portugal, documentando a itinerância destes dispositivos óticos pelas feiras e praças do país, desde meados do século XVIII. Estas caixas óticas ambulantes eram conhecidas como ‘marmotas’, ‘mundo novo’ ou ‘tutilimúndi’. E podiam contar com banda sonora, interpretada ao vivo por músicos.

A relação histórica entre pintura e lentes é o tema do livro do pintor David Hockney “Secret Knowledge” (Conhecimento Secreto), que pode ser boa companhia para antes ou depois de uma visita a esta exposição na Cinemateca. Já para outras viagens até à época de ouro de Cosmorama e Panorama, é recomendável o austríaco Panorama Museum, em Salzburgo, na Áustria, e o Museum Panorama Mesdag, em Haia, nos Países Baixos. As pinturas monumentais Panorama tiveram sucesso sobretudo antes do aparecimento dos Cosmoramas. E a evolução tecnológica haveria também de ultrapassar as pinturas dos Cosmoramas, vistas através de lentes iluminadas. No livro “Cosmorama. O Medium Esquecido”, Victor Flores conta que na década de 1850 os Cosmoramas entraram em declínio, “substituídos pelos estúdios fotográficos, que ofereciam um novo realismo visual”. Agora, quem quer uns óculos de realidade virtual? ●